

A ONDA ANTI-IMIGRATÓRIA E O CONSERVADORISMO MUNDIAL

Giovanna Clapis

Tem-se observado um retesamento político ao redor do mundo nos últimos anos, e pode-se notar a óbvia polarização entre os discursos conservador e progressista. Essa tendência, que atingiu praticamente todo o mundo, pode ser explicada como consequência da crise econômica de 2008 – ocorrida após a enorme especulação financeira nos Estados Unidos e da derrocada da Primavera Árabe em 2011 – que culminou em diversas guerras e conflitos no mundo árabe, persistindo até a atualidade.

No imediato pós-crise, não houve uma tendência exacerbada para um posicionamento ou outro, alguns países tiveram continuidade de governos mais à esquerda, outros mais à direita e houve algumas rupturas importantes, como o governo Obama que veio logo após o fim dos dois mandatos do Republicano George W. Bush. O grande diferencial da administração Obama foi a preocupação com a situação das minorias, trazendo luz às questões imigratórias, direitos das mulheres e direitos LGBTs, debates que foram, conseqüentemente, levados a outros países, tanto pelo lado político, quanto pelas próprias sociedades civis. Essas pautas, claro, trouxeram descontentamento aos seto-

res políticos e sociais mais conservadores, interessados na manutenção do *status quo*.

Já a Primavera Árabe eclodiu com uma série de protestos e conflitos em países do mundo árabe contra regimes ditatoriais, como Tunísia, Líbia, Egito, entre outros. O mais notório destes conflitos, a Guerra Civil Síria, deu-se a fim de derrubar o ditador Bashar al-Assad. No entanto, o conflito entre tropas do governo e rebeldes perdura desde 2011, tomando proporções internacionais, e atraindo a atenção das Nações Unidas, bem como de países de peso como Estados Unidos, Rússia e China. Essa guerra civil trouxe consigo não somente a ascensão do Estado Islâmico, como também a maior crise de refugiados da história, que atingiu proporções sem precedentes em 2015. De acordo com o relatório de 2015 do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em torno de “65.3 milhões de indivíduos foram forçadamente deslocados ao redor do mundo como um resultado de perseguições, conflitos, violência generalizada, ou violações aos direitos humanos.” Grande parte desse enorme influxo de migrantes – a maioria vinda da Síria, Afeganistão e Somália – convergiu para a Europa, fato que gerou

insatisfação e medo tanto das populações, quanto de governos europeus. Tais eventos impulsionaram e reforçaram discursos conservadores, anti-imigratórios e xenófobos.

A partir da persistência da crise econômica e a ampliação da crise de refugiados, pode-se observar a guinada para posturas mais conservadoras de direita. A História claramente possui ciclos de poder, e é comum conectar crises com governos de direita, pois as táticas neoliberais costumam trazer alívio para crises no curto prazo, e o discurso conservador, embasado no isolacionismo e nas doutrinas de segurança, traz certo sentimento de estabilidade para as incertezas desses períodos. Logo, após breve momento de fortalecimento das esquerdas na Europa, e, apesar das tentativas das Nações Unidas, bem como da União Europeia de buscar soluções e alternativas para ambas as crises, diversos países recorreram a táticas que violam os direitos humanos de refúgio e asilo, além de partidos de extrema direita – e, de modo preocupante, grupos neonazistas – começaram a se fortalecer por todo o mundo, respaldados pelos discursos contra imigração.

Os refugiados encontram dificuldade para atravessarem fronteiras no “Corredor Báltico” – Grécia, Macedônia, Turquia (todas as quais tiveram fronteiras fechadas temporariamente), Hungria (que decidiu construir uma cerca na fronteira com a Sérvia para dificultar a entrada de refugiados) – e para conseguirem asilo na Europa. Já que muitos países se recusaram a acolher uma proporção suficiente de refugiados, a chanceler alemã, Angela Merkel, clamou por medidas mais concretas dos países da União Europeia e demarcou a necessidade do Parlamento Europeu em reescrever as leis europeias sobre imigração. Manteve as fronteiras do seu país abertas para receber o contingente mais nu-

meroso de refugiados. Esse posicionamento gerou, de um lado, comoção popular e conscientização para o recebimento dos migrantes; no entanto, de outro, gerou enorme insatisfação, tanto da sociedade civil – que temia uma quantidade expressiva de refugiados –, quanto dos outros países da UE, que não desejavam ser tachados de “vilões” após o pronunciamento de Merkel. A Áustria também se propôs a receber mais refugiados, mas logo as medidas de emergência seriam revogadas na maioria dos países, e o controle das fronteiras seria reforçado para diminuir o influxo dos migrantes. A jogada de Merkel a isolou no concerto europeu, que se voltou majoritariamente para políticas anti-imigratórias.

Exponentes conservadores vêm se fortalecendo desde os eventos de 2015. Um dos primeiros partidos de extrema direita a ter reconhecido apoio populacional foi o Freedom Party (FPÖ) austríaco, que se fortificou com as insatisfações nas políticas imigratórias, e por pouco não elegeu Norbert Hofer como presidente da Áustria no fim de maio. O cargo ficou com Alexander Van der Bellen, do Partido Verde. No entanto, logo no começo de julho, a Corte Austríaca decidiu anular os resultados eleitorais por conta de irregularidades na contagem de votos, e outro pleito deverá ocorrer. Segundo o jornal *The Guardian*, a presidência austríaca é um “papel cerimonial”, mas uma vitória do FPÖ seria o indício de uma guinada conservadora na Áustria, e pode sinalizar a possível vitória de um chanceler da extrema direita nas eleições de 2018. Na França, observa-se o fortalecimento da Frente Nacional, partido encabeçado por Marine Le Pen, que vem jogando intensamente com o discurso de mudanças nas políticas de imigração e reforço de fronteiras, assim como a maioria dos partidos de extrema direita que se fortalecem na

Itália, Bélgica, Alemanha (Partido Alternativa para a Alemanha) e Reino Unido. Outra característica marcante nestes partidos é o discurso extremamente xenófobo voltado, em especial, contra os imigrantes muçulmanos.

Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos se aproximam das eleições, e as primárias indicaram a Democrata Hilary Clinton e o Republicano Donald Trump para concorrerem à presidência. Este último tem surpreendido e assustado a mídia mundial com seus posicionamentos e declarações chauvinistas, utilizando-se do slogan “*Make America Great Again*”. Entre pronunciamentos de que construiria um muro na fronteira com o México, expulsaria imigrantes e proibiria a entrada de todos os muçulmanos no país, o extremismo de Trump parece mais uma caricatura do que posicionamento político real. No entanto, o bilionário conquistou grande parte dos eleitores estadunidenses e, segundo a CNN, já recebeu apoio de líderes da extrema direita italiana, holandesa e belga.

Até agora, o maior exemplo das consequências da onda conservadora é o resultado do referendo que sinalizou a saída do Reino Unido da União Europeia. O Primeiro Ministro, David Cameron, cumprindo promessa do período eleitoral, convocou o referendo para a decisão, sendo pressionado, principalmente, pelo United Kingdom Independence Party (UKIP), o partido populista de extrema direita. Ocorreram, então, campanhas políticas divididas em “*Leave*” (sair) e “*Remain*” (ficar). O lado que desejava a saída se pautava no desejo de maior autonomia em relação à UE, alegando que as taxas e demandas do bloco eram pesadas e insatisfatórias, e apelaram pesadamente para o discurso anti-imigração. Seus principais expoentes foram o UKIP e alguns membros do parlamento como Boris Johnson, um dos “rostos”

da campanha. Do lado “*Remain*”, os pedidos de que o Reino Unido permanecesse na Europa eram embasados nos benefícios de acordos político-econômicos trazidos pela UE, bem como nas facilidades de mobilidade entre os países signatários e, na temática imigratória, apelavam para o fato de que os imigrantes eram uma força importante para o crescimento do país. Os expoentes dessa campanha eram também de partidos variados, um grande número de membros parlamentares do Partido Trabalhista e também do Partido Conservador, como o próprio Primeiro Ministro David Cameron.

O referendo ocorreu em 23 de junho, e agora o Reino Unido entra na fase de negociações com a União Europeia para sua saída. A decisão trouxe uma cisão grave no Reino Unido, pois, segundo a rede BBC, “Inglaterra votou fortemente a favor do *Brexit*, com 53.4% a 46.6%, assim como o País de Gales, com ‘*Leave*’ tendo 52.5% dos votos e ‘*Remain*’ com 47.5%. Escócia e Irlanda do Norte ambas decidiram ficar na UE. Escócia apoiou ‘*Remain*’ com 62% a 38%, enquanto 55.8% na Irlanda do Norte votaram ‘*Remain*’”. Pode-se notar, portanto, que Escócia e Irlanda do Norte estão insatisfeitas com a decisão inglesa e isso pode ameaçar a integridade do próprio Reino Unido. Em 2014, a Escócia convocou um referendo quanto a sua independência em relação ao Reino Unido, no qual se decidiu pela permanência. No entanto, com a nova decisão de deixar a União Europeia, é possível que, como declarou a Primeira Ministra Nicola Sturgeon, a Escócia convoque um novo referendo, já que seria mais vantajosa a permanência na União Europeia do que no Reino Unido. David Cameron também notificou que deixará o cargo de Primeiro Ministro em outubro, devido a decisão do pleito.

Apesar de lideranças atuais como

Barack Obama, Angela Merkel e François Hollande terem encorajado o Reino Unido a permanecer no bloco, outros líderes nacionalistas festejaram o resultado, e esse pode ser o início de uma série de referendos para deixar a União Europeia. Marine Le Pen, da França, afirma que os cidadãos franceses também têm direito a um referendo, seguida de perto por partidos de extrema-direita da Itália, Holanda e Suécia, entre outros. Desse modo, pode-se argumentar que o crescimento do discurso conservador e dos posicionamentos anti-imigração impulsionaram a ascensão de alas da extrema-direita ao redor do mundo, e esse fator trará consequências imprevisíveis e, talvez, irreversíveis. Não é possível dizer ainda quais serão os frutos colhidos a partir desta fase, mas notar que o mundo tem se voltado para discursos conservadores, que podem acarretar no ferimento de inúmeros direitos humanos, ainda mais se direcionados a grupos sociais específicos, traz um panorama alarmante para o futuro da sociedade internacional.

REFERÊNCIAS

UNHCR GLOBAL TRENDS 2015. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/country/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>> Acesso em: 15 nov. 2016

ALJAZEERA. Refugees Barred entering train station hungary. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/09/refugees-barred-entering-train-station-hungary-150901091613124.html>> Acesso em: 15 nov. 2016

THE GUARDIAN. Austrian presidential election result overturned and

must be held again hofer van der bel-
len. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/jul/01/austrian-presidential-election-result-overturned-and-must-be-held-againhofer-van-der-bellen>>. Acesso em: 15 nov. 2016

CNN. Donald Trump European Politicians. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2016/05/10/politics/donald-trump-european-politicians/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016

BBC.UK Politics. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-politics-32810887>>. Acesso em: 15 nov. 2016

ALJAZEERA. European Union Danger. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2016/06/european-union-danger-160625162559734.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.